

SEXO SEM MEDO



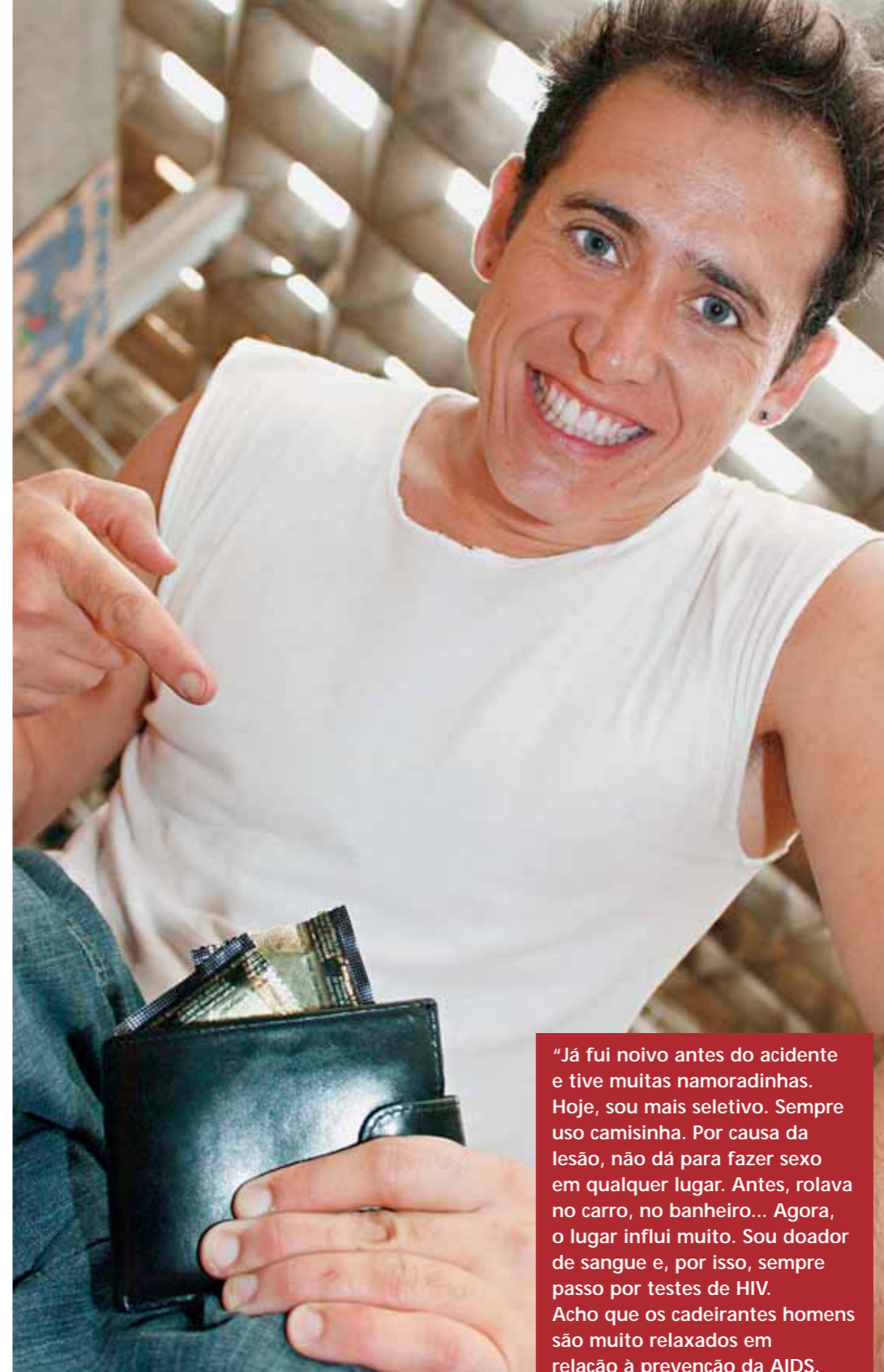
A **AIDS** provoca traumas e ameaça o amadurecimento sexual das pessoas com deficiência. Mas prevenção, respeito e confiança entre os parceiros podem impedir que ela avance

POR ADRIANA PERRI
FOTOS FABIO BRAGA

Como dizer a uma pessoa com deficiência, cuja sexualidade ainda é tratada como tabu pela sociedade, que ela precisa, como qualquer outra pessoa, prevenir-se contra a AIDS? Foi a partir dessa pergunta que a coordenadora da equipe de deficiência e desenvolvimento inclusivo para a América Latina e o Caribe do Banco Interamericano para Reconstrução e Desenvolvimento (Bird) – o Banco Mundial –, Rosângela Berman, discutiu a questão em um encontro realizado no fim de 2005, no Rio de Janeiro. O banco, um dos principais financiadores de projetos de AIDS no Brasil, detectou, a partir dos poucos estudos e pesquisas existentes no mundo, que o número de pessoas com deficiência que contraem AIDS aumentou. Rosângela, que é tetraplégica, explica que as pessoas com deficiência constituem um dos segmentos mais vulneráveis à contaminação pelo vírus HIV, responsável pela transmissão da AIDS, e de doenças

sexualmente transmissíveis (DST). Por que isso acontece? Um dos motivos é a falta de informação de pessoas que estão excluídas socialmente.

Antes de iniciar as discussões, o Bird encomendou novas pesquisas. Elas confirmaram evidências, mas sabe-se que falta muito para traçar um retrato da realidade. Não há estatísticas amplas e confiáveis. A psicóloga Rosana Glat, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), contribuiu com o estudo *Saúde Sexual, Deficiência & Juventude em Risco*. Por meio de questionários aplicados a profissionais, pais e jovens com deficiência, ela concluiu que o jovem deficiente não possui necessidades em relação ao sexo diferentes de sua geração. Como as demais pessoas de sua idade, quer crescer, apaixonar-se, namorar e casar. Mais: tem muitas dúvidas sobre sexo e sensações que despertam em seu corpo. Mas enfrenta problemas como falta de orientação e maior



ANDRÉ HENRIQUE FERREIRA

27 anos, ficou paraplégico em 2002. Ele é solteiro e, por enquanto, está sem namorada. Estuda engenharia elétrica na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP)

"Já fui noivo antes do acidente e tive muitas namoradinhas. Hoje, sou mais seletivo. Sempre uso camisinha. Por causa da lesão, não dá para fazer sexo em qualquer lugar. Antes, rolava no carro, no banheiro... Agora, o lugar influi muito. Sou doador de sangue e, por isso, sempre passo por testes de HIV. Acho que os cadeirantes homens são muito relaxados em relação à prevenção da AIDS. Os que conheço, percebo isso em nossos papos, não usam camisinha, não levam a sério. Não sei por quê. Depois, fica todo mundo correndo atrás de exames, com medo."

O QUE É AIDS

A AIDS é uma doença que se manifesta após a infecção do organismo pelo Vírus da Imunodeficiência Humana, conhecido como HIV. A sigla é proveniente do inglês Human Immunodeficiency Virus. O HIV destrói os linfócitos, as células responsáveis pela defesa do organismo, tornando a pessoa contaminada vulnerável a outras infecções e doenças. Há alguns anos, receber o diagnóstico de AIDS era quase uma sentença de morte. Atualmente, porém, ela é considerada uma doença crônica. Isso porque uma pessoa infectada pelo HIV pode viver com o vírus por um longo período sem apresentar nenhum sintoma ou sinal da doença.

A EFICÁCIA DA CAMISINHA

Diversos estudos confirmam a eficiência do preservativo na prevenção da AIDS e de outras doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). O dado mais convincente sobre sua eficiência foi demonstrado por um estudo realizado entre casais. Um dos parceiros estava infectado pelo HIV e o outro, não. Graças ao uso contínuo dos preservativos nas relações que mantiveram, a taxa de infecção pelo HIV nos parceiros não infectados foi menor que 1% ao ano. Quanto mais se usa a camisinha, menor é o risco de se contrair o HIV e DSTs. A camisinha também evita gravidez indesejada, agindo como método contraceptivo.



Fonte: Programa Nacional DST/AIDS (Ministério da Saúde)

CAMISINHA FEMININA

A camisinha feminina é uma bolsa feita com um plástico macio – o poliuretano, material mais fino que o látex –, que impede o contato direto dos espermatozoides com o canal vaginal e com o colo do útero.

A bolsa tem 15 centímetros de comprimento e 8 de diâmetro, sendo mais larga e lubrificada do que o preservativo masculino. Na extremidade fechada existe um anel flexível e móvel, que serve de guia para a colocação da camisinha no fundo da vagina. A borda do outro extremo termina em outro anel flexível, que vai cobrir a vulva (parte externa da vagina).

COLOCANDO A CAMISINHA

- ✓ Descubra uma posição confortável: em pé, com um pé apoiado em uma cadeira, sentada, de joelhos afastados, agachada ou deitada.
- ✓ Segure a camisinha com o anel externo pendurado para baixo.
- ✓ Aperte o anel interno e introduza na vagina.
- ✓ Com o dedo indicador, empurre até ela cobrir o colo do útero.
- ✓ O anel externo deve ficar uns 3 centímetros para fora da vagina. Não estranhe, pois é exatamente essa parte que fica para fora da vagina que serve para aumentar a proteção da mulher.
- ✓ Até que você e o seu parceiro tenham segurança, guie o pênis dele com a sua mão para dentro da sua vagina. Com o vaivém do pênis, é normal que a camisinha se movimente. Se você sentir que o anel externo está sendo puxado para dentro, segure-o ou coloque mais lubrificante para facilitar a entrada do pênis e impedir que ele empurre a camisinha.

TIRANDO A CAMISINHA

- ✓ Uma vez terminada a relação, retire a camisinha apertando o anel externo. Torça a extremidade externa da bolsa para garantir que todo o esperma fique no interior da camisinha. Então, puxe-a para fora delicadamente, dê um nó e jogue no lixo.

CAMISINHA MASCULINA

O preservativo masculino é uma capa de látex que recobre o pênis.

COLOCANDO A CAMISINHA

- ✓ Sempre coloque a camisinha antes do início da relação sexual.
- ✓ Abra a embalagem com cuidado, Nunca com os dentes, para não furar a camisinha.
- ✓ Coloque a camisinha somente quando o pênis estiver ereto.
- ✓ Desenrole a camisinha até a base do pênis, mas, antes, aperte a ponta para retirar o ar.
- ✓ Só use lubrificante à base de água. Evite vaselina e outros lubrificantes à base de óleo.

TIRANDO A CAMISINHA

- ✓ Após a ejaculação, retire a camisinha imediatamente - de preferência, com o pênis ainda ereto. É preciso fechar a abertura com a mão para evitar que o esperma vaze da camisinha.
- ✓ Dê um nó no meio da camisinha e jogue-a no lixo. Nunca use a camisinha mais de uma vez, porque assim ela não previne doenças e gravidez.



CELSO BADIN

28 anos, é surdo, homossexual, solteiro e não tem namorado. Escritor, roteirista, ator e diretor de filmes. Coordenador da temática de orientação sexual e uso de drogas na Conferência dos Direitos e Cidadania dos Surdos (Condicisur)

“Sexo seguro é muito importante. É preciso usar camisinha no sexo oral e anal também. Criei o site *Fita Vermelha*, em 1999, com informações sobre AIDS, mas que não está mais ativo – é que estou construindo um novo: *Surdo GLBT*. Em breve estará no ar para criar propostas para a comunidade GLBT e H. Tenho muitos amigos soropositivos. Sexta-feira passada, busquei meu exame de HIV e deu negativo. Sempre cuido de minha saúde e uso preservativo.”

vulnerabilidade a situações de risco e exploração sexual. “Foi dada ênfase às condições de acesso a programas de saúde e educação sexual”, conta Rosana. “De modo geral, suas famílias, escolas e instituições não assumem essa responsabilidade.”

O problema inicial em relação às pessoas com deficiência é que elas ainda são vistas como assexuadas. “Erotismo e deficiência são termos que parecem não combinar”, afirma a mestre em psicologia social e doutora em psicologia clínica Ana Rita de Paula, que é deficiente física e, recentemente, publicou o livro *Sexualidade e deficiência: rompendo o silêncio*. Aparentemente, não falta quem acredite que um corpo diferente do da maioria das pessoas é incapaz de sentir e de proporcionar prazer.

Tais posturas enfraquecem a auto-estima do indivíduo. “A sociedade cultiva a imagem de um corpo idealizado. Quando o deficiente consegue ser correspondido no seu desejo, ele teme fazer qualquer exigência”, diz Ana Rita. Assim, o risco que corre é sempre

maior. “Não se pode responsabilizar a pessoa com deficiência, dizendo que é ela que não se aceita. A sexualidade envolve o modo como nos enxergam.”

Em 2004, uma pesquisa de abrangência nacional estimou que, no Brasil, cerca de 600 mil pessoas, de 15 a 49 anos de idade, vivem com HIV e AIDS. Desse número, 210 mil são mulheres e 390 mil, homens. O Programa Nacional de DST e AIDS do Ministério da Saúde desconhece o número de pessoas com deficiência dentro desse universo porque não leva em conta essa característica de parte da população. Tampouco possui levantamento de soropositivos que adquiriram deficiência em função de anti-retrovirais ou de medicamentos para doenças oportunistas. Entre os estudos encomendados pelo Bird, um relata que o índice de contaminação pelo HIV entre surdos representa o dobro do índice para pessoas da população com audição normal dentro de uma mesma área. A autora é a pesquisadora da Divisão de Saúde Global da Faculdade de Saúde Pública de Yale (EUA), Norah Groce, que

fez um levantamento mundial sobre HIV/AIDS e deficiências, publicado em abril de 2004. Outro dado que Norah apresentou foi baseado em estudos feitos em Uganda, na África. Utilizando as DSTs como um indicador de possível exposição ao HIV, ela constatou que 38% das mulheres e 35% dos homens com deficiência tiveram DSTs em algum momento.

O relatório anual do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (Unaid) apontou que quase 5 milhões de pessoas contraíram o vírus da AIDS em 2004, sendo que 3,1 milhões – 570.000 crianças – morreram em decorrência disso. Os índices de contaminação atingem 15 mil pessoas por dia. No entanto, o relatório apresenta uma boa notícia: os países que estimularam a mudança de comportamento sexual – leia-se uso de preservativos, iniciação sexual mais tardia e menos parceiros – apresentaram redução no número de casos.

Esta parece ser a chave do enigma: investir em informação e prevenção. O objetivo da ação do Bird, que

envolverá entidades e agentes comunitários, é gerar e produzir recursos para que os programas de AIDS existentes considerem também como público alvo as pessoas com deficiência. “A deficiência dificulta a transmissão de informação. Muitas pessoas nem chegam ao posto de saúde por falta de transporte. No caso das campanhas de massa, a falta de material em Libras e braille limitam o alcance das mensagens”, afirma a socióloga, Marta Gil, gerente da Rede Saci. Para ela, a exclusão de pessoas com deficiência dos programas de prevenção denuncia a falta de visão das autoridades. Considerando que 14,5% da população brasileira possui alguma deficiência, é legítimo acreditar que a AIDS não será controlada se essas pessoas não forem incluídas nos esforços feitos. “Falta ações contínuas”, diz ela.

Iniciativas em andamento podem servir de exemplo para outras ações. A organização não-governamental Grupo Gay da Bahia é autora da primeira cartilha em braille sobre AIDS, incentivando o uso da camisinha e fornecendo aos cegos acesso a informações so-

RISCO DE CONTRAIR HIV

O HIV pode ser transmitido pelo sangue, sêmen, secreção vaginal e pelo leite materno dessas formas:

- ✓ sexo sem camisinha
- ✓ compartilhar seringa e agulha
- ✓ transfusão com sangue contaminado
- ✓ mãe infectada com HIV pode contaminar o bebê na gravidez, parto e durante a amamentação
- ✓ instrumentos perfurantes que não sejam esterelizados

SEM RISCO DE CONTRAIR HIV

O uso da camisinha, mesmo durante sexo oral, é uma forma de prevenção. Estar bem informado também.

- ✓ sexo com camisinha
- ✓ masturbação a dois
- ✓ beijo no rosto ou na boca
- ✓ aperto de mão ou abraço
- ✓ doação de sangue
- ✓ suor, lágrima, picada de inseto
- ✓ compartilhar talheres, copos, sabonete, toalha, piscina e assentos

TIRE SUAS DÚVIDAS**É possível ser infectado pelo HIV quando não há ejaculação?**

Sim. Há, também, a possibilidade de infecção pela secreção expelida antes da ejaculação ou pela secreção da vagina. Os fatores que aumentam o risco de transmissão do HIV nesses casos são: imunodeficiência avançada, relação anal receptiva, relação sexual durante a menstruação e presença de outras DSTs, como cancro mole, sífilis e herpes genital.

Ferimentos nos genitais aumentam o risco de contrair AIDS?

Feridas aumentam o risco, porque facilitam o contato do sangue com secreções. Geralmente, feridas, corrimentos, bolhas e verrugas, resultam de DST.

A camisinha é mesmo impermeável?

Sim. Um estudo feito pelo National Institutes of Health, dos Estados Unidos, examinou as 40 marcas de preservativos mais utilizadas em todo o mundo. Eles foram ampliados 30 mil vezes (nível de ampliação que possibilita a visão do HIV) e nenhum dos exemplares examinados apresentou poros. Mesmo nos piores casos, os preservativos oferecem 10 mil vezes mais proteção contra o vírus da AIDS do que a sua não utilização.

Que período de tempo deve-se esperar para fazer o teste de AIDS?

Após exposição à situação de risco, recomenda-se uma espera de três meses (90 dias) para fazer o teste de identificação.

Onde é possível fazer testes para diagnóstico de HIV?

O diagnóstico é realizado a partir da coleta de amostras de sangue. Os testes podem ser realizados em unidades básicas de saúde, em Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) e em laboratórios particulares. Nos CTAs, o teste anti-HIV pode ser feito de forma anônima e gratuita. Para saber onde fazer deve-se ligar para o Disque Saúde, usando a linha de telefone gratuita para todo o Brasil. O número é 0800 61 1997.

PARA SABER MAIS

ISV-APADA NITERÓI – ☎ (21) 2621-2080 – e-mail: isv-apaniteroi@uol.com.br
KIT PIPAS NO AR-APTA – ☎ (11) 3266-3345 – e-mail: educaids@apta.org.br
INDICAÇÃO DE LEITURA: *Sexualidade e Deficiência: rompendo o silêncio*
Ana Rita de Paula, Mina Regen e Penha Lopes, Expressão e Arte Editora
☎ (11) 3951-5240 e 3951-5188 – site: www.expressaoearteditora.com.br

**KATYA HEMELRIJK**

29 anos, deficiente física (osteogênese imperfeita), heterossexual, solteira. Namora Ricardo da Silva, de 28, há um ano e meio. É empresária na área de comunicação

“Os deficientes têm que se perceberem ativos em todos os sentidos da vida. A vida sexual e afetiva é um deles. Conheço muitas meninas que têm medo de pedir ao parceiro para usar camisinha por medo de colocar empecilhos na relação. Nada podia ser mais errado. Ninguém que te procura e te deseja sexualmente está fazendo um favor. Depois de nove meses de namoro, eu e o Ri deixamos de usar a camisinha baseados em confiança mútua. Não fizemos exame de HIV, mas nos conhecemos há cinco anos e namoramos há quase dois. Se pintar outro parceiro, voltarei a usar. Não dá para arriscar.”

**O VÍRUS HIV
NÃO AMEAÇA
QUEM USA
CORRETAMENTE
A CAMISINHA**



bre riscos e medidas de prevenção. Data de 1990. “Num congresso mundial de AIDS, realizado em São Francisco (EUA), tive acesso a um material em braille”, conta o antropólogo Luiz Mott, fundador da ONG e professor da Universidade Federal da Bahia. “De volta ao Brasil, descobri que não tínhamos nada parecido.” Mott entrou em contato com a Associação Baiana de Cegos e, juntos, formularam a cartilha que foi distribuída para todas as bibliotecas braille do Brasil. “Depois, algumas secretarias de saúde replicaram a idéia.”

O projeto Informação, Segurança e Vida para Pessoas Surdas (ISV), da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição de Niterói (Apada) dissemina informações sobre DST/AIDS para surdos e profissionais que trabalham com esse público. O ISV nasceu em 2001, devido ao esforço de Jorge Antônio Machado, um surdo portador do HIV, que contraiu a doença devido à falta de informação.

“Percebemos que havia muita gente vivendo a vida sem tomar cuidados de prevenção”, relata a coordenadora do ISV Suely da Fonseca. Três surdos da Apada são multiplicadores das informações em Libras: Flávia Luiza Pires, Luiz André Coelho e Fernanda Machado. Jorge acabou falecendo em decorrência de com-

plicações causadas pela AIDS. “Além das palestras, já fomos procurados por cerca 570 pessoas em busca de testes de HIV”, diz Suely.

Pensando em romper a dificuldade da família e da sociedade para lidar com a sexualidade de adolescentes e adultos com deficiência mental, foi desenvolvido o projeto Pipa, em São Paulo. O método utiliza discussões em grupo, ou rodas, sobre sexualidade com o objetivo de reduzir os níveis de vulnerabilidade às DST, AIDS e à gravidez não planejada. “Por meio de um vídeo-documentário de 20 minutos e de uma cartilha pretendemos sensibilizar a sociedade para a urgência de ações de educação preventiva que respeitem e atendam a demanda desses jovens”, resume a psicóloga Fernanda Sodelli, da Associação para Prevenção e Tratamento da AIDS (APTA). Em parceria com a Carpe Diem, a associação atende jovens com deficiência mental. O vídeo, que foi realizado de março a outubro de 2004, baseia-se em dez rodas de conversas com 18 jovens da Carpe Diem – e outras três rodas com suas famílias. O material é destinado a educadores. “Eles querem se conhecer e namorar, como todo jovem. Mas nem educadores nem os pais parecem se dar conta disso”, resume a psicóloga. ■